MEMÓRIAS IRÔNICAS DE UM ESPÍRITO: A INSÓLITA VIAGEM POR PASSADOS E PRESENTES

ROBERTA MARIA FERREIRA ALVES*

Resumo

Sempre que o assunto discutido é a memória, não podemos esquecer que estamos também trazendo a baila noções como a da consciência de si, a de identidade do sujeito, de temporalidade e de espacialidade. O nosso trabalho procurará refletir sobre essas relações, com o objetivo de chegarmos a uma melhor apreensão do que se passa no ato da escritura que chamamos *memórias* literárias. Costumamos chamar de “*memórias*” de um personagem a narrativa feita por ele mesmo dos acontecimentos de sua vida, com uma insistência sobre os acontecimentos objetivos, mais do que sobre o vivido subjetivo. O que e a quem interessa esse “eu” particular, singular, os seus mitos, sonhos e fantasmas? Na elaboração literária de uma vida, o autor realiza um incessante diálogo entre o passado e o presente, colocando em cena a elaboração de seu ser pessoal, na procura das significações contidas nos fatos passados. Talvez possamos afirmar que o memorialista faz uma segunda leitura do tempo vivido ou... perdido. Para a nossa análise dessas questões utilizaremos o romance **As memórias de um espírito**, de Germano Almeida, um romance no qual a ironia, o humor e o insólito são instrumentos que nos permitem comparar os objetivos perseguidos pelo romancista e um memorialista, na tentativa de avaliar se existem grandes diferenças no que se refere ao papel social do escritor no trabalho com a linguagem.

Palavras-chave: Memórias, ironia, humor, insólito, Germano Almeida

Lembro-me perfeitamente.

A expressão é utilizada de forma comum sem que ao menos paremos para pensar na impossibilidade de realizarmos o que dizemos. Lembrar sim, perfeitamente, questionamos. Como se configura o ato de lembrar? Existe uma memória que é unicamente nossa? Podemos afirmar que a memória assume os atos e ações lembrados de forma completa? Ou será que quando o assunto é memória, ao falarmos do individual forçosamente estaremos também falando do coletivo e também de

um ato por si só incompleto? Seria produtivo pensar que, para falarmos de memória, temos que dialogar com outros conceitos, tais como fragmentação, identidade, temporalidade, espacialidade e a dialética e eterna questão: passado e presente?

A recordação tem uma marca bem delineada que é a de esquecer-se daquilo que a memória busca resgatar ao se construir. Assim sendo, acreditar que a recordação é uma voz verdadeira do pretérito é não perceber que é “ela quem dá futuros ao passado” Nas palavras de Catroga:

(...) o diálogo entre o presente e o passado, que a evocação pressupõe, quase anula o distanciamento entre o sujeito e o objeto e faz daquela mais do que uma prática egóide, de um acto cordial, um re-cordare com, isto é, um co-memorar. (CATROGA, 2001, p. 48-49 – grifos nossos)

Para construirmos nossa memória, que por si só, é fragmentada, não é raro tomarmos posse de memórias de outras pessoas. Às vezes assumimos um fato contado de forma tão forte que em nossa concepção ele se torna fato vivido por nós. Eis um fato determinante, tomamos posse de lembranças que não deveriam nos pertencer, e sim àquelas pessoas que de forma ativa estiveram no ato, no processo. Segundo Pollak os elementos constitutivos da memória, seja ela individual ou coletiva são:

Em primeiro lugar, (...) os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho elevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1989, p. 201)

Afirmam psicólogos que quando olhamos uma foto de nós mesmos quando crianças, efetivamos um esforço inconsciente para ligar aquela imagem ao quem somos hoje. De uma forma bem pontual, poderíamos afirmar que a ação se dá como se, em uma comunicação direta, o cérebro dissesse a si mesmo: “essa criancinha estampada no papel, que não sabe andar, careca, que está chorando e comendo a papinha é você. Acredite!”.

Assumimos diante do mundo que nos lembramos perfeitamente de nossa aparência e de nossas atitudes na infância. Sabemos que as lembranças da infância se constituem de forma indireta, sempre através do que se ouviu contar. Uma forma de re-presentificação da memória. Essa estratégia é um processo longo que nos leva às pinturas rupestres, passando pela fotografia, pelos registros orais para que esse terreno cognitivo fosse construído aos poucos.

A imagem nos oferece uma possibilidade considerável de arquivar cenas do passado. A imagem, ao representar a “realidade”, pode também conservar a energia das relações sociais. Se a imagem define posições de leitor abstrato – aquele que se idealiza – que o espectador concreto – aquele que recebe o texto - é convidado a vir ocupar a fim de poder

dar sentido ao que ele tem sob os olhos, é capaz também de nos permitir criar, uma comunidade de olhares, como se possuíssemos o mesmo ponto de vista.

Dialogando com Halbwachs que afirma ser a reconstrução de um acontecimento passado necessita, para se tornar lembrança, da existência de pontos de vista compartilhados por membros de uma comunidade e de noções que lhes são comuns. Assim a imagem, por operar uma espécie de acordo de olhares, pode conferir a força da lembrança, um momento de registro da relação intersubjetiva e social. A memória é, indubitavelmente, um fenômeno construído.

O importante é registrar, deixar registrado em museus, arquivos, cemitérios, festivais, aniversários, tratados, exposições, monumentos, santuários, associações, literalmente marcos de outra época; ilusões de eternidade, comprovantes de dimensão nostálgica de nossa sociedade.

Os lugares de memória, para Nora, são lugares em todos os sentidos do termo. Assumem o sentido do objeto material e concreto e o mais abstrato, simbólico e funcional. Simultaneamente e em graus diversos, esses aspectos devem coexistir sempre:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA 1993, p. 21-22)

Os “lugares da memória”, assim, são oriundos da ideia de que não há mais memória espontânea, de que nós, por uma necessidade de sobrevivência, criamos deliberadamente arquivos, mantemos comemorações de aniversários, organizamos celebrações. Os “lugares de memória” existem onde o simples registro acaba. São, ao mesmo tempo, o registro e aquilo que o transcende, o sentido simbólico inscrito no próprio registro. Esses lugares são os espaços onde a memória se cristalizou e têm a função de se tornarem uma nova forma de apreender a memória que não nos pertence, a partir do momento que não vivemos mais o que eles representam. São, portanto, locais materiais e imateriais onde se fixaram a memória de uma sociedade, de uma nação, espaços onde grupos ou povos se identificam ou se reconhecem, possibilitando existir um sentimento de identidade e de pertencimento.

Uma passagem As memórias de um espírito, nos permite exemplificar a questão dos “lugares de memória” e refere-se a um jipe americano ‘descapotável’ já caindo aos pedaços que pertence a uma das personagens, Vasco:

De há uns tempos a esta parte deu-lhe a mania de que aquilo é uma relíquia nacional de inestimável valor, na medida em is últimos seis dias da campanha eleitoral do Poeta, o nosso presidente eleito e assassinado, foram consumados com o seu valioso concurso, e está convencido de que mais tarde ou mais cedo o Governo acabará por ter orelha e decidirá adquiri-lo e destiná-lo ao museu das glórias da Pátria. E a pensar nisso, ele quer deixá-lo exactamente no estado em que se encontrava quando serviu de veículo protector ao malogrado Poeta. (ALMEIDA, 2001, p. 30)

Ao mesmo tempo em que referências são feitas à necessidade de um povo de registrar e resguardar seu passado, seja através de objetos mantidos ou de cerimônias transmitidas através de gerações, Almeida brinca com o valor que esses “locais de memória” realmente possuem na história de um povo. O critério de escolha das palavras revela ironia e humor. Uma ironia refinada que assinala a ingenuidade da personagem com a expressão: “deu-lhe a mania”, reforçada por uma ingênua suposição de que “está convencido de que mais tarde ou mais cedo” a “relíquia será reconhecida em seu valor. Uma troca em um dito popular, nos permite inferir a própria desesperança da personagem na concretização de seu desejo; ou de forma mais enfática no ponto de vista retórico “o Governo acabará por ter orelha e decidirá adquiri-lo e destiná-lo ao museu das glórias da Pátria”. Uma informação de quem define ou não o que cabe na memória do povo é o governo, com letras maiúsculas, uma alusão àqueles que estão no poder.

Selecionamos para este texto como exemplo dessas tentativas de registro, o romance *As memórias de um espírito*, de Germano Almeida, uma narrativa insólita na qual o narrador de uma forma bem humorada e irônica nos conta sobre um momento específico de sua trajetória identitária: seu velório.

Neste jogo de produção de lugares de memória, nos quais momentos de história selecionados do movimento da história, são ressuscitados. São, como afirma Nora, não mais a vida, porém ainda não a morte, resquícios de vida que aparecem quando o momento vivido já recuou.

Sabemos que só os indivíduos são capazes de recordar e que os ritos de recordação e particularmente os comemorativos, têm efeitos holísticos, pois desempenham papéis que determinam sociabilidades.

As lembranças coletivas, a repetição de rituais, a conservação de saberes e símbolos e a transmissão deles, são condições necessárias para a criação de um sentimento de pertença. Em forma simplória podemos afirmar que a partir desse ponto de vista, que a relação existente entre identidade, memória se torna cada vez mais estreita.

Os rituais, tais como os velórios têm como tarefa última a produção de sentidos e perpetuação dos sentimentos de pertença e de continuidade, contra o fluxo natural do tempo.

Um texto ficcional que apresenta em seu título o termo memória, que pode ser conceituado ora como substantivo feminino que se refere à faculdade de conservar e reproduzir ideias, imagens, sensações ou conhecimentos anteriormente adquiridos, ora quem sabe possa ser

também a lembrança de qualquer coisa ou alguém, recordação, reminiscência, nos permite entre outras leituras, perceber que nele a busca pela memória é a busca por uma história.

Nas palavras do narrador cabo-verdiano:

Morri precisamente às cinco da tarde de um dia 30 de setembro. Calhou que justamente nessa manhã eu tinha completado mais um ano de vida e a Alda estava numa grande azáfama nos retoques finais de um jantar que queríamos oferecer aos amigos próximos e também a mais uns quantos esfomeados da cidade do Mindelo. (ALMEIDA, 2001, p. 11)

Embora o narrador tenha definido que o dia era 30 de setembro, deixa bem claro que foi um dia 30 qualquer. Fragmentação? Ele não se lembra qual? Como sabe que morreu no dia de um de seus aniversários... Ao transpor a soleira da porta, o narrador se sente em casa, contudo uma casa irreconhecível, embora os mesmos ambientes, sob uma outra luz, com outro fim, com outra função. Surge essa reminiscência... Repousada inteiramente na materialidade do vestígio, da imediatez do registrado. O medo de um desaparecimento rápido e derradeiro combinado com a ansiedade a respeito do significado do presente e da incerteza quanto ao futuro.

É do conhecimento de todos, dentro de sua própria tradição, que velório, comba, funeral, qualquer que seja o nome que se dá a tal cerimônia, é um ritual fúnebre no qual o caixão do falecido é posto em exposição pública para permitir que parentes, amigos e outros interessados possam honrar a memória do defunto antes do sepultamento. A duração é variada: de poucas horas a mais de um dia, podendo inclusive acontecer durante a madrugada.

A morte, afirma D. Arlindo Furtado, Bispo do Mindelo, é o grande mistério da existência humana. Em Cabo Verde, é um dos fatores da unificação social. Na perspectiva do sacerdote, o cabo-verdiano, devido à sua educação religiosa, revela uma atitude positiva em relação ao advento do final da vida na terra.

E é este o ponto de partida da trama a ser analisada, uma cerimônia ambígua é o detonador dos eventos narrativos publicados em 2001. Uma celebração de nascimento (aniversário) que acaba por se tornar uma celebração de morte (velório). Um romance, segundo o subtítulo da obra, composto por doze capítulos dispostos de forma irregular em seis partes. O enredo se desenrola durante o funeral, embora os mais diversos flashes mnemônicos permitam que o leitor ultrapasse a questão temporal, bem como a espacial.

Apesar de termos uma aparente linearidade no ato de narrar, que começa às 17h00 de um dia 30 de setembro entre os anos de 1995 e 2000 e acaba antes que o corpo seja levado ao cemitério e devidamente enterrado, esse ir e vir de passados próximos e distantes preenchem as lacunas da memória para conduzir o leitor na construção de sentido.

A história do narrador é construída através das diversas “estórias” de seus relacionamentos interpessoais, suas percepções, suas leituras de

livros e de mundo, à medida que cada uma dessas pessoas chega para velar seu corpo, chorar e beber o defunto. A memória sempre seletiva, não funcionará como um mero registro, pois é além de tudo uma representação afetiva, uma re-presentificação, feita a partir do presente e dentro do que Catroga apresenta como “tensão tridimensional do tempo.” (CATROGA, 2001, p. 46) Assim o futuro se conecta ao passado através de um fio que apresenta uma finalidade. Tudo isso em um hibridismo de história e ficção, fatos reais esteticamente reelaborados, organizados de uma forma lógica e coerente tendo ponto de partida e de chegada. É o leitor que no devido distanciamento que o futuro permite, através de sua leitura, une os fios do passado e do presente da narrativa e tece o texto, conectando histórias e montando a trama.

Os lugares da memória se montam com objetos, espaços, aromas e sons e se encaixam na tentativa de preenchimento das lacunas que o lembrar mantém abertas. “O serviço de cristal, uma porradaria de copos de tamanhos variados” (ALMEIDA, 2001, p.11) é o primeiro elemento revelador da narrativa, nas palavras do narrador: “está carregado de recordações pessoais e familiares”. É a partir dele que somos apresentados à sua última companheira em vida.

Como tramas tecidas em um emaranhado de fios, Alda é ligada a outros acontecimentos que introduzem outras personagens nas memórias contadas, para que assim o perfil e a importância na vida do advogado Alírio José de Sousa seja devidamente estabelecido, como se o passado pudesse justificar o que o presente apresenta.

Em palavras reveladoras de um sujeito que articula suas atitudes e palavras, e esconde seus sentimentos, o narrador, ainda sobre os tais cristais afirma:

Nunca cheguei a dizer-lhe, mas na verdade foi uma espécie de indenização e também um pedido de desculpas pela forma brusca como a tinha tratado no primeiro dia do seu retorno ao Mindelo. Se bem me ricordo, terá sido cerca de pouco mas de ano e meio depois do fim do seu meteórico namoro com João Nuno. (ALMEIDA, 2001, p. 12)

Alírio José de Sousa advogado conhecido na cidade do Mindelo é o narrador que se incumba da difícil tarefa de nos contar sobre sua morte e seu velório, funcionando também como um guia que nos permite apreciar um desfile mnemônico repleto de pessoas, tradições e pontos de vista que epifanicamente começam com a entrada de pessoas durante seu velório. Ao conhecermos os flashes do passado do nosso narrador, vamos cuidadosamente construindo sua identidade permitida pelo relato, consciente ou inconscientemente.

Aparentemente, temos uma narrativa centrada no sujeito que a cria, simultaneamente o ponto de partida e objeto do texto, o que poderíamos inadvertidamente chamar de autobiografia.

Temos nas palavras de Iser (1979) a afirmação de que, através de os “atos de fingir”, um imaginário que primeramente se instaura difuso na “imaginação” do escritor em alguma coisa, que pelo processo

da escritura passa a ser quase e totalmente tão real quanto o “real”, “irrealizando-o”.

Ao centrar fundamentalmente sua alteração em como é produzido o fictício, a partir da interação do imaginário e com o real, por meio de atos de fingir, aponta para a presença de elementos do real no texto ficcional. Delineando assim, o papel dos atos de fingir, o de promover a repetição da realidade vivencial no texto. “Se o fingir não pode ser deduzido da realidade repetida, nele então surge um imaginário que se relaciona com a realidade retomada pelo texto” (ISER, 2002, p. 958).

O teórico afirma que a única maneira de vivenciar o fictício e o imaginário é através da interação entre eles, pois ambos constituem fabricações vinculadas às disposições humanas. Embora percebido como algo difuso e espontâneo, o imaginário é realizado pela ficção, que, por sua vez, irrealiza a realidade extra-textual no texto.

Dentro do texto de ficção, os elementos transgredidos continuam o processo de seleção e transgressão ao se organizarem e são reconfigurados pelo imaginário por meio do que Iser chama de combinação. Tanto a seleção quanto a combinação referenciam, em vista disso, a transgressão de limites entre texto e contexto.

Podemos perceber que ao iniciar *As memórias de um espírito*, o autor estabelece uma interação entre o imaginário e o real, criando seu próprio “ato de fingir”, irrealizando assim a realidade extra-textual do romance com as seguintes palavras:

Os apontamentos que se seguem pertencem ao advogado Dr. Alírio José de Sousa, personagem de muitas estórias acontecidas no Mindelo, abruptamente arrancado do convívio da cidade na tarde de um dia em que pretendia comemorar com rija festa um seu aniversário natalício. É por sua vontade que os mesmos são dedicados a todos os seus companheiros de ficção e também aos que se dignaram acompanhá-lo durante as horas do seu agitado velório. G.A. (ALMEIDA, 2001)

Ironicamente, através de palavras-chave, o autor implícito, nos adverte: personagem, companheiros de ficção e uma forma metafórica de tratar os leitores “aos que se dignaram a acompanhá-lo durante as horas de seu agitado velório”. Não nos deparamos com uma autobiografia. Tudo não passa de atos de fingir, resultado da imaginação do escritor cabo-verdiano e da convivência dos leitores.

O humor e a ironia são estratégias utilizadas pelo escritor como uma forma de provocar o riso, e, assim, através desse desvio, contrastar vivamente com os erros sociais, pessoas que o rumo natural da vida toma.

Segundo Bergson, existem três processos básicos para a obtenção de efeitos do riso: a repetição, a inversão e a interferência de séries. No caso do romance analisado, nos interessa a interferência de séries, ou seja um efeito cômico cuja fórmula é esquiva, devido a variedade de formas sob as quais se apresenta. Algo que estabelece uma relação oscilante entre o sentido possível e o real, e, essa hesitação entre duas interpretações aparentemente opostas que nos causa graça.

A passagem a seguir nos permite exemplificar o efeito cômico produzido em um interferências de séries:

O Caga-Vírgulas regressou à sala e está agora sentado ao lado do Vasco que parece pregado na cadeira. Ofereci meus serviços à viúva, diz ele. Em que sentido?, pergunta Vasco mal abrindo a boca, coitado do rapaz, está mesmo sentindo a minha morte, ou então a lamentar o belo jantar que perdeu para esta noite. (ALMEIDA, 2001, p. 158)

O Caga-Vírgulas oferece seus serviços como orador fúnebre, mas a pergunta de Vasco permite-nos suspeitar de um outro tipo de serviço. Tudo isso contado pelo narrador-defunto que também se permite ler a expressão ambígua da face de seu amigo Vasco produzindo também um efeito cômico.

Como afirmado anteriormente, personagens defilam nesse romance construindo aos poucos a identidade dessas memórias que utilizam da ironia para analisar, criticar e moralmente traçar um modo de perceber a vida.

A primeira personagem a “desfilar” no velório é a Aninhas Maria, e, é a partir do comportamento dela ao entrar no velório proferindo, “coitado, o que pode ter sido, um homem ainda novo, cheio de vida, (...) bem que se diz que para morrer basta estar vivo...” (ALMEIDA, 2001, p. 24) que o narrador estabelece uma relação com o senso comum. Aninhas funciona como “a voz do povo”

Nessa mesma instância, o narrador-personagem apresenta a sociedade na qual esteve inserido. “Quando eu soube” a transformação pela qual Aninhas havia passado, o ‘disse me disse social’ fica claro nessa afirmação, que é logo seguida de “eu não estranhei”, uma ligação necessária para estabelecer todo o vínculo existente entre o advogado e a amiga de infância.

A estória de Aninhas é apresentada ao leitor com constantes intervenções do narrador, que a todo momento emite sua opinião. A personagem funciona metonimicamente, de forma social, corresponde aos filhos de colonizadores que crescem à margem, não sendo aceitos pelos nativos como nativos e nem pelos colonizadores como tal.

O pai de Aninhas “um homem áspero e um tanto tirano”, português de nascimento deportado para Cabo Verde depois da derrota de D Miguel, é um homem de negócios que cria a filha em uma redoma de vidro, na tentativa de não permitir que ela se misture aos colonizados, e se torne, mesmo tendo nascido na ilha, um elemento colonizado, pois a cria para ser advogada. E em Lisboa, a pequena Aninhas, que é excluída por não falar crioulo e não ser nativa de Portugal, é levada a uma decisão de pertencimento, definir-se como colona acultura, ou como cabo-verdiana. Opta, assim por sua terra natal e acaba “ficando entalada até o pescoço nas confusões de 25 de abril”.

Obsevamos a “realidade” cabo-verdiana, enquanto colônia, estampada na estória dessa personagem. Embora portugueses, os nascidos em África são “produto” de uma política segregacionista de aculturação.

Nesse sentido, o “outro mundo” produzido na ficção não se opõe à “realidade”. É o que afirma Costa Lima, para quem “o plano da realidade penetra no jogo ficcional (...), porquanto o que nele está se mescla com o que poderia ter havido; o que nele há se combina com o desejo do que estivesse; e que por isso passa a haver e a estar” (COSTA LIMA, 1985, p. 195).

Podemos observar que Germano Almeida permite que no romance, suas experiências pessoais se tornem fonte de informações para o personagem narrador, seja na profissão, nas amostras de elementos da tradição, no local de moradia, na compleição física, nas participações e opiniões políticas.

No que diz respeito ao escritor, tal tensão entre o imaginário e o real sofre um rebatimento para o plano do “eu”. Ainda segundo Costa Lima, o imaginário tem relação direta com a possibilidade de ampliar o que chama de “ângulo de refração” das experiências pessoais do escritor (COSTA LIMA, 1985, p. 228), expressão usada para contestar a noção de reduplicação especular, segundo a qual as figuras compostas pelo escritor seriam meros reflexos ou projeções de seu eu (COSTA LIMA, 1985, p. 232).

Assim, ao mesmo tempo em que o imaginário permite a “transformação” do escritor em personagens que nada têm a ver com ele, tal transformação é alimentada pela refração de sua experiência pessoal (esta, vivida no plano da “realidade”), o ângulo de refração sendo o espaço no interior do qual se estabelece a tensão entre o eu imaginário e o eu “real”:

A imaginação permite ao eu irrealizar-se enquanto sujeito, para que se realize em uma proposta de sentido (...) Pela ficção, o escritor se inventa possibilidades, sabendo-se não confundido com nenhuma delas.

Partindo do pressuposto de que o pacto autobiográfico acontece, então, quando a identidade entre autor, narrador e personagem é assumida e tornada explícita pelo autor, ao contrário do “pacto romanesco”, declaração de negação daquela identidade e atestado do caráter de ficção, temos um romance de memórias que estabelece um distanciamento entre o escritor e o narrador que vivenciou fatos ao longo de uma vida.

Apesar de poderem ser estabelecidas algumas conexões com o texto autobiográfico, em *As memórias de um espírito*, temos um pacto diferente. Na abertura do romance, nos deparamos com as pretensas palavras de Almeida, anteriormente citadas, como um aviso ao leitor sobre a veracidade do que será contado.

A irreverência do escritor estabelece algumas chaves essenciais para a leitura, a nosso ver, os apontamentos foram feitos por um morto, um diálogo interessante com Brás Cubas, um defunto autor, e que dedica seus apontamentos a todos os companheiros de ficção. Afirmando assim que tudo que for lido é inventado e distingue definitivamente o autor e o narrador assume sua função precípua de personagem, criado para ser um aauto de suas experiências.

O narrador é sim a personagem principal da trama, e é sob o olhar dele que estabelecemos o caminho a seguir, enquanto leitores e construi-

mos a sua própria identidade, bem como sua própria história que se forma ao longo de toda a narrativa.

Não escapa aos olhos do leitor o fato de autor e narrador serem advogados, personas de grande porte, adorarem usar a cor branca, viverem no Mindelo. Mas, apesar disso, as pistas iniciais colocam as aproximações no plano de estratégias discursivas pertinentes à ficção.

Dentro do texto, narrador e personagem remetem, respectivamente, ao sujeito da enunciação e ao sujeito do enunciado: o narrador narra a história e o personagem é o sujeito sobre o qual se fala. Ambos, porém, remetem ao autor, que passa então a ser o referente, fora do texto.

Do ponto de vista da relação entre autor e narrador, teríamos uma identidade clara, assumida, que se manifesta no presente da enunciação: é o autor que transcreve aquelas linhas; é ele que cria, no momento presente, a história. Já entre autor e personagem, o que teríamos não constitui identidade, mas, antes, uma relação de semelhança, uma vez que o sujeito do enunciado (personagem), apesar de inseparável da pessoa que produz a narração (o autor-narrador está falando dele mesmo), dela está afastado, o que se compreende principalmente ao verificar a distância temporal entre o presente da enunciação e o relato de acontecimentos passados: o personagem morto assemelha-se ao autor vivo.

E assim, torna-se possível dizer que, apesar de não concretizar, em sua totalidade, um imaginário, as memórias tampouco constituem “reflexo” do real, pois admitem, senão um “ângulo de refração” em que o sujeito se dissipa, ao menos um certo espaço de movência desse sujeito, na medida em que a relação entre “personagem” e autor é apenas de semelhança, e não identidade.

Portanto, se alguém se põe a escrever suas memórias, é porque tem em mente fixar um sentido em sua vida e dela operar uma síntese. Síntese que envolve omissões, seleção de acontecimentos a serem relatados e desequilíbrio entre os relatos (uns adquirem maior peso, são narrados mais longamente do que outros), operações que o autor só é capaz de fazer na medida em que se orienta pela busca de uma significação: busca essa que lhe dirá quais acontecimentos ou reflexões devem ser omitidos e quais (e como) devem ser narrados, e nesse caso a ironia e o humor, são caminhos que nos permitem estabelecer um sentido durante a leitura do texto.

História narrada, na medida em que é construída também para a leitura, porque o autor não se significa apenas para si mesmo, mas também para os outros, é capaz de contar sua história, transmitir sua experiência. E é por esse ato de contar, justamente, que o projeto de memórias parece tornar-se possível, na medida em que exige do escritor o esforço de tornar inteligível para os outros sua experiência fragmentada.

ABSTRACT

Whenever the subject discussed is the memory, we must not forget that we are also bringing to fore as the notions of self-consciousness, the identity of the subject, temporality and spatiality. Our work will seek to reflect on these relationships, in order to reach a better understanding of what goes on in the act of writing what we call literary memories. We usually call memory of a character's narrative made by himself from the events of his life, with an insistence on objective events rather than about the lived subjective. What and who is this "I" particular, singular, their myths, dreams and ghosts? The drafting of a literary life, the author performs a continuous dialogue between past and present, by playing the elaboration of their personal, in search of meanings contained in past events. Perhaps we can say that the memoir is a second reading of the time lived or ... lost. For our analysis of these issues we use the novel *As memórias de um espírito*, Germano Almeida, a novel in which irony, humor and unusual instruments are allowing us to compare the goals pursued by the novelist and memoirist one, trying to assess whether there major differences with regard to the social role of the writer at work with language.

Keywords: Memories, irony, humor, unusual, Germano Almeida

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Germano. *As memórias de um espírito*. Lisboa :Editorial Caminho, 2001.
- BERGSON, Henri. *O riso: um ensaio sobre o cômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CATROGA, Fernando. *Memória e história*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRS, 2001, p.43-69.
- CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coleção Opúsculo. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p. 36, 65; 136-143.
- COSTA LIMA, Luis. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.p. 243-307.
- DE CERTEAU, Michel. *Relatos de espaço*. In: *A invenção do cotidiano*, Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- ECO, Umberto. *Entrando no bosque*. In: *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva e memória individual*. In: *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p.25-52.

HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2004. p.9-16

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (org). A literatura e o leitor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p 83 – 132.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (org). Teoria da literatura em suas fontes. Vol. 2. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e memória. Tradução de Irene Ferreira (et. al.). Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

NORA, Pierre. “O acontecimento e o historiador do presente”. In: A nova história. Coleção Lugar de História. Lisboa: Edições 70

MARTINS, João Batista. Henri Bergson e a Função Social do Humor. Ciencia & Conhecimento/ Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte/ MG v. 1. N.1, maio. 2003 – Belo Horizonte: Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte , 2003. Semestral. p. 31-40

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos & abusos da história oral. São Paulo: Ed. FGV, 1992. Cap. 7, p. 83-101

TACCA, Oscar. O narrador. In: As vozes do romance. Coimbra: Livraria Almedina, 1983. p. 61-103.